
A crítica cinematográfica nordestina: o caso de Fabiana Lima e o *Cinemafileia*¹

Vinícius Oliveira ROCHA²
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE

RESUMO

O trabalho busca analisar a interrelação entre a crítica cinematográfica nordestina e o cinema brasileiro e nordestino, por intermédio das possibilidades surgidas no ambiente digital contemporâneo. Para tal, adota como metodologia a Análise de Conteúdo e a Entrevista Semiestruturada para analisar o perfil da crítica maranhense Fabiana Lima. Aliando a história da crítica e do cinema nacional e regional aos conceitos de colonialidade do saber e do poder, Região Concentrada, Invenção do Nordeste e a crítica na era digital, o trabalho mostra como Fabiana tem atuado em prol da visibilidade a filmes nacionais e nordestinos através do domínio das linguagens e recursos das redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: crítica cinematográfica; cinema nacional; cinema nordestino; redes sociais; *Letterboxd*.

INTRODUÇÃO

Diante da prevalência de uma literatura a respeito da crítica cinematográfica focada majoritariamente naquela produzida no eixo Sul-Sudeste, este trabalho busca tratar da produção dessa crítica na região Nordeste, observando-se seu percurso histórico, a presença dos críticos no ambiente digital contemporâneo e o tratamento dado por eles aos filmes nacionais e nordestinos. Para isso, elegeu-se como objeto de estudo a crítica maranhense Fabiana Lima, que gerencia o site *Cinemafileia*³, bem como a página de mesmo nome no Instagram⁴. A escolha por Fabiana se deu por conta da projeção que ela obtém nas redes sociais através do seu trabalho de crítica, sendo atualmente membra da ABRACCINE (Associação Brasileira dos Críticos de Cinema) e da CCA (*Critics Choice Association*), além de cobrir o Festival de Cannes há três anos seguidos.

¹ Trabalho apresentado no GP de Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe - UFS, e-mail: voliveira@academico.ufs.br

³ <https://www.cinemafileia.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

⁴ <https://www.instagram.com/cinemafileia/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

A metodologia adotada foi uma combinação da Análise de Conteúdo com a Entrevista Semiestruturada: a primeira foi utilizada para coleta de dados sobre as críticas e avaliações feitas de filmes nacionais e nordestinos por Fabiana no aplicativo *Letterboxd*, enquanto a segunda foi utilizada numa entrevista com ela a respeito de uma série de questões ligadas ao seu ofício enquanto crítica nordestina. Assim, espera-se observar como o perfil e a atuação de Fabiana refletem (e destacam) o atual cenário da crítica cinematográfica nordestina no contexto do ambiente digital e das redes sociais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A bibliografia adotada para este trabalho busca inter-relacionar o percurso histórico da crítica cinematográfica brasileira com discussões regionais e a presença dela no ambiente digital. Para primeiro trazer uma definição acerca do que é a crítica e de como esta se legitima, foi trazido como referencial os trabalhos de Barreto (2005), Foucault (2001) e Rocha (2023).

Já o percurso histórico da produção da crítica cinematográfica nos estados nordestinos teve como base os seguintes autores: Fireman (2019) sobre Alagoas; Carvalho (2014; 2019) e Coelho (2010) sobre a Bahia; Monteiro e Benevides (2019) e Pereira (2017) sobre o Ceará; Sallem (2019) sobre o Maranhão; Falcone e Félix (2019) sobre a Paraíba; Carreiro (2003) e Dib e Joaquim (2019) sobre Pernambuco; Brito (2019) sobre o Piauí; Cunha (2021) e Ribeiro (2019) sobre o Rio Grande do Norte; e Castro (2019) sobre Sergipe. Além disso, era indispensável fazer uma contextualização a respeito da produção cinematográfica nacional e nordestina, de modo que os trabalhos de Dídimo (2010), Lusvarghi (2008), Prysthon (2017), Velasco (2010) e Xavier (2007; 2018) possibilitaram pensar a trajetória desse cenário audiovisual e suas diferentes etapas a nível nacional e regional.

Pensar criticamente as relações construídas entre a crítica produzida no Nordeste e aquela oriunda do eixo Sul-Sudeste foi possível através, primeiramente, dos trabalhos de Mignolo (2005) e Quijano (2005) acerca da colonialidade do saber e do poder na América Latina, bem como o conceito de “Região Concentrada” cunhado por Santos e Silveira (2012). Já Albuquerque Júnior (2011) e seu conceito da Invenção do Nordeste foram fundamentais para debater a visão homogeneizada da região, inclusive no cinema. Além disso, Rocha (2023) foi utilizado também para debater sobre como a subjetividade,

as visões de mundo e os referenciais geoculturais do crítico influenciam o seu discurso a respeito de uma obra fílmica.

Por fim, os trabalhos de Frey e Sayad (2015) e de Prysthon (2013) ajudaram a entender como, na contemporaneidade, a inserção dos críticos no ambiente digital em face da perda de espaço nos veículos impressos se constitui como um momento de novas possibilidades, mas também de embates: de um lado, profissionais com uma trajetória consolidada e que conquistaram para si o direito de serem considerados críticos de cinema; e de outro novos agentes, como os cibercinéfilos e os influenciadores digitais, que almejam também falar de cinema.

METODOLOGIA

Inicialmente, o procedimento metodológico consistiu na aplicação da Análise de Conteúdo (AC) no perfil de Fabiana Lima no *Letterboxd*⁵, que conta com quase 7 mil seguidores. A escolha pelo *Letterboxd* se deu pelo seu crescimento significativo nos últimos anos não só como um espaço de sociabilidade entre seus usuários, mas também para publicação e divulgação de comentários e críticas de cinema (Jerónimo, 2024). Já a adoção da AC, segundo Bardin (2016), tem como intenção a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente de recepção), inferência esta que recorre a indicadores – quantitativos ou não.

Para este artigo, optou-se por uma análise de caráter quantitativo, de modo a avaliar quantos filmes nacionais (e mais especificamente nordestinos) foram assistidos por Fabiana durante determinado período – neste caso, foi adotado o ano de 2023 como recorte –, bem como as notas dadas por ela a esses filmes. Para o filme ser considerado nordestino, ele deveria atender a pelo menos dois dos três critérios a seguir: (i) o(a) diretor(a) devia ser nordestino(a); (ii) a trama devia ser ambientada no Nordeste; e (iii) o filme deveria ter sido gravado em algum estado nordestino.

A segunda parte do procedimento metodológico consistiu na realização de uma Entrevista Semiestruturada com Fabiana. A escolha por esse procedimento se deve pela possibilidade das entrevistas de “mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” (Duarte, 2004), com as

⁵ <https://letterboxd.com/fabianalr/>. Acesso em: 21 maio 2024.

informações recolhidas devendo, portanto, ser organizadas em grandes eixos temáticos. Assim, a entrevista conduzida com Fabiana foi estruturada em torno de três eixos temáticos: (i) espaços de produção e legitimação dos críticos nordestinos; (ii) ambiente digital como espaços de circulação da crítica e de relacionamento com o público leitor; e (iii) papel do crítico nordestino na visibilização e avaliação do cinema brasileiro e nordestino.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tomando-se como recorte o ano de 2023, foi possível constatar através do perfil de Fabiana no *Letterboxd* que ela assistiu a 258 filmes, dos quais 46 foram nacionais. Dentre estes 46, 13 foram filmes nordestinos, levando-se em conta os critérios apresentados acima na metodologia.

Nota-se que uma parcela significativa dos filmes foi assistida durante os dias 23 e 27 de outubro; foram oito longas, todos lançados em 2023. Isso, segundo Fabiana, se deu por estar na Mostra de São Paulo à época. A participação em festivais de cinema é uma das principais possibilidades de exercício do trabalho da crítica, especialmente pelo contato com filmes que não costumam estrear no circuito comercial ou que demoram meses e até anos para serem lançados nos cinemas, conforme apontado por Fabiana. Porém, ela destaca que, para os profissionais que residem fora da Região Concentrada, o acesso a diversos festivais é comprometido pelas distâncias geográficas e os gastos exorbitantes com passagens, hospedagem e outros fatores.

Recentemente, eu passei por uma situação envolvendo um festival de cinema do eixo Sul-Sudeste não considerar pela segunda vez ir por um veículo por conta do valor da passagem. Eles pedem de forma explícita e discriminada que seja alguém do Rio ou de São Paulo. (...) É algo que é muito comum, e eu vejo que é muito complicado para gente acessar determinados lugares, principalmente por verem o Nordeste inteiro como um só estado. (Lima, 2024)

Além de situações como essa, Fabiana também destaca que o ofício do crítico já sofre com um cenário de precarização, em que o profissional precisa bancar as próprias viagens a festivais e até mesmo as sessões dos filmes que vai assistir — já que as cabines de imprensa são realizadas em poucas cidades no país, e até mesmo algumas capitais estaduais não as possuem, como São Luís, onde reside. No ano passado, ela descobriu que não havia sido credenciada na Mostra de São Paulo, e, por conta disso, precisou

custear todas as sessões que assistiu no festival, além dos gastos com viagem e hospedagem. Apesar de experiências positivas com festivais independentes locais, como a Mostra Guarnicê e o Novo Cinema Maranhense, na sua opinião, eles ainda são insuficientes para estimular um ecossistema de crítica local a depender do referencial geográfico de onde se fala.

Diante desses obstáculos e entraves, Fabiana vê no ambiente digital como um lugar de renovação e conquista de espaço por parte da crítica, ainda que não sem suas contradições e pontos negativos. Ela pontua, inclusive, que não começou a usar as redes sociais para falar de cinema na intenção de ser crítica, mas porque se sentia sozinha nessa paixão cinéfila. Contudo, sua trajetória e o aprendizado que buscou a levou a assumir essa ocupação como crítica, embora admita que demorou muito a se considerar como tal.

A internet me possibilitou fazer conexões com pessoas que não necessariamente estavam aqui, estavam espalhadas pelo Brasil inteiro, então começou dessa forma e acabou se tornando outra coisa. Foi muito difícil essa legitimação, porque eu acredito que realmente não tem outra saída: se você quer ser crítico, se ver e ser reconhecido como crítico, então precisa que as pessoas te vejam da mesma forma. Você precisa da validação de toda uma comunidade, e isso só vai ser conseguido com muita dedicação, esforço, constância e amor por aquilo, porque a gente que quer ser crítico sabe que o retorno financeiro nem sempre vem. (Lima, 2024)

Apesar disso, ela não ignora os efeitos nocivos de se ter de trabalhar exclusivamente com e através da internet, destacando que a própria natureza das redes sociais já é pautada pelo ódio, discordância e debates não muito saudáveis. “Quando você faz conteúdo para a internet com o seu rosto, se coloca num lugar de vulnerabilidade. As pessoas te atacam se você fala mal de um filme que elas gostam. (...) Acham que a gente [críticos] tem a necessidade de validar as opiniões delas” (Lima, 2024).

A questão da validação das opiniões do público sobre os filmes ganha contornos especialmente sensíveis no que se refere ao cinema brasileiro, objeto de aguerridas discussões no ambiente digital. Dos 46 filmes nacionais assistidos por Fabiana em 2023, a maioria (11) recebeu 4 estrelas (dentro da classificação de 0 a 5 dada pelo *Letterboxd*); as notas de 5 e 3 estrelas foram dadas a 8 filmes, cada; sete filmes receberam 3,5 estrelas; três receberam 2,5 estrelas; um recebeu 4,5 estrelas; e oito não receberam notas.

Essa tendência se observa também dentre os filmes nordestinos, dos quais seis receberam 4 estrelas, quatro receberam 3,5 estrelas e três não receberam notas. Apesar

dessa prevalência de avaliações positivas, porém, Fabiana enfatiza que o crítico não deve se condicionar a falar positivamente do filme apenas por este ser nacional e nordestino. Entretanto, ela destaca que esse posicionamento se torna mais arriscado em face das interações complexas no ambiente digital, onde não é incomum que diretores, roteiristas, atores/atrizes e outros profissionais das obras audiovisuais em questão sigam o crítico ou tenham acesso às suas críticas, podendo até mesmo deixar claro suas opiniões a respeito.

A gente [crítico] faz parte da cadeia do audiovisual, então eu divulgo com prazer muitos filmes nordestinos, inclusive sem pedir nada em troca. (...) Mas isso também não é passar a mão em filme que for ruim, porque eu acho que a gente não deve fazer isso nem com o cinema nacional, nem com o cinema nordestino, nem com o cinema de lugar nenhum. “Ah, tem gente que fica chateada, o diretor fica chateado”, mas acho que isso é prejudicial à crítica. (Lima, 2024)

Para Fabiana, porém, dar visibilidade às obras feitas no Nordeste e no Brasil independe de se gostar ou não desses filmes. No que se refere aos 13 filmes nordestinos assistidos por ela em 2023, quatro eram ambientados no Maranhão, três em Pernambuco, um no Ceará, um na Bahia, um no Rio Grande do Norte e um em Alagoas. Dois não possuíam ambientações exatamente definidas em suas tramas, porém foram gravados no Ceará e na Bahia, respectivamente. Tem-se assim, pelo menos, seis dos nove estados da região representados nas obras assistidas.

Fabiana considera primordial trabalhar com essa visibilidade no ambiente digital, em face das possibilidades que este oferece para a disseminação dos conteúdos. Para ela, mesmo que 100% do seu público não chegue a assistir os filmes por conta de suas indicações, já se considerará vitoriosa se ao menos uma parcela desse público tiver mais acesso ao cinema nacional e nordestino, visto que, em sua concepção, o trabalho da crítica é fazer as pessoas conhecerem o cinema através do olhar e conhecimento do crítico.

CONCLUSÃO

A coleta de dados a partir do *Letterboxd* de Fabiana, em conjunto com as informações e reflexões extraídas a partir da entrevista realizada com ela, permitem inferir novos cenários no qual a crítica cinematográfica exerce seu papel. Analisando sob uma ótica regional, é perceptível como a possibilidade do ambiente digital e das redes sociais suprimirem distâncias e abismos geográficos se mostra benéfica até certo ponto para uma

nova geração de críticos que, sabendo como manejar essas redes, pode alcançar um público que antes não teria acesso às suas críticas.

Apesar das dificuldades, Fabiana se mostra convicta do potencial desse ambiente digital para um exercício da crítica que valorize a produção de filmes no Brasil. Portanto, ao se olhar de uma perspectiva histórica para a atuação dos críticos no país – a qual atuava como divulgadora e incentivadora de um ecossistema cinematográfico no país –, perfis como o de Fabiana e seu *Cinemafileia* mostram que esse papel adotado pela crítica segue firme e forte, devidamente adaptado ao ambiente digital contemporâneo e a novos espaços de discussão – como o regional, conforme tratado neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. – São Paulo : Cortez, 2011.

BARRETO, Rachel Cardoso. **Crítica ordinária** – a crítica de cinema na imprensa brasileira. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais. 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo : Edições 70, 2016.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. Tacar fogo e ir ao cinema: imprensa alternativa e a experiência da crítica de cinema no Piauí dos anos 1970. *In: SILVA, Paulo Henrique (org.). Trajetória da crítica de cinema no Brasil*. Belo Horizonte : Letramento; Abbraccine, 2019, p. 287-295.

CARVALHO, Rafael Oliveira. A crítica como recepção histórica: interfaces entre o pensamento de Walter da Silveira e o cinema brasileiro. **Revista Novos Olhares**, v. 3, n.2, p. 189-199, 2014.

CARVALHO, Rafael. Pilares de uma trajetória crítica: o cinema escrito na Bahia. *In: SILVA, Paulo Henrique (org.). Trajetória da crítica de cinema no Brasil*. Belo Horizonte : Letramento; Abbraccine, 2019, p. 50-88.

CASTRO, Wesley Pereira de. Breve história da crítica cinematográfica em Sergipe: olhares intermitentes. *In: SILVA, Paulo Henrique (org.). Trajetória da crítica de cinema no Brasil*. Belo Horizonte : Letramento; Abbraccine, 2019, p. 380-389.

COELHO, Thiago Barboza de Oliveira. Walter da Silveira e o Clube de Cinema da Bahia. **Revista de História**, v. 2, n. 2, pp. 71-92, 2010.

CUNHA, Leonardo da Vinci Figueiredo. **A ausência do gênero crítica cinematográfica nos portais jornalísticos natalenses**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

DIB, André; JOAQUIM, Luiz. Às palavras, às imagens: a crítica em Pernambuco. *In: SILVA, Paulo Henrique. Trajetória da crítica de cinema no Brasil*. Belo Horizonte : Letramento; Abbraccine, 2019, p. 264-286.

DÍDIMO, Marcelo. **O cangaço no cinema brasileiro**. São Paulo : Annablume, 2010.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FALCONE, Fernando Trevas; FÉLIX, Renato. Panorama da crítica de cinema na Paraíba. *In*: SILVA, Paulo Henrique (org.). **Trajatória da crítica de cinema no Brasil**. Belo Horizonte : Letramento; Abbraccine, 2019, p. 227-248.

FIREMAN, Chico. Alagoas: o crítico de cinema como militante. *In*: SILVA, Paulo Henrique (org.). **Trajatória da crítica de cinema no Brasil**. Belo Horizonte : Letramento; Abbraccine, 2019, p. 22-28.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 7ª ed., 2001, 80 p.

FREY, Mattias; SAYAD, Cecilia (ed.). **Film criticism in digital age**. Rutgers University Press : New Brunswick, 2015.

JERÓNIMO, Mariana. "**Comecei a ver muito mais filmes desde que tenho Letterboxd**": rede social não pára de crescer e faz jovens regressarem ao cinema. *Expresso*, 07 fev. 2024. Disponível em: <<https://expresso.pt/geracao-e/2024-02-07-Comecei-a-ver-muito-mais-filmes-desde-que-tenho-Letterboxd-rede-social-nao-para-de-crescer-e-faz-jovens-regressarem-ao-cinema-41768119>>. Acesso em: 17 maio 2024.

LIMA, Fabiana. **Entrevista** [jun. 2024]. Entrevistador: Vinícius Oliveira Rocha. Online, 2024. 1 arquivo .ogg (120 minutos).

LUSVARGHI, Luiza. A desconstrução do Nordeste: cinema regional e pós-modernidade no cinema brasileiro. **Ícone**, v.10, n.1, p. 20-38, jul. 2008.

MIGNOLO, Walter D.. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In*: LANDER, Edgard (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, cap. 3, p. 33-49.

MONTEIRO, Ailton; BENEVIDES, Diego. Crítica de cinema no Ceará: a apreciação como prática coletiva. *In*: SILVA, Paulo Henrique (org.). **Trajatória da crítica de cinema no Brasil**. Belo Horizonte : Letramento; Abbraccine, 2019, p. 113-137.

PEREIRA, Raul Kennedy Gondim. **Clube de cinema de Fortaleza**: sociabilidade intelectual e cultura cinematográfica na cidade de Fortaleza (1948-1963). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

PRYSTHON, Angela. Paisagens em desaparecimento: cinema em Pernambuco e relação com o espaço. **E-compós**, Brasília, v.20, n.1, jan./abr. 2017

PRYSTHON, Angela. Transformações da crítica diante da cibercinefilia. **Celeuma**, n. 1, v. 1, maio 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgard (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas**

latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, cap. 9, p. 107-130.

RIBEIRO, Ramon. Da 2ª Guerra e outras histórias do cinema em Natal. *In*: SILVA, Paulo Henrique (org.). **Trajatória da crítica de cinema no Brasil**. Belo Horizonte : Letramento; Abbraccine, 2019, p. 314-320.

ROCHA, Vinícius Oliveira. **A crítica de cinema como gênero discursivo jornalístico**: um estudo de caso a partir de Bacurau. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023, 120 p.

SALLEM, Márcio. “O mar que corre do cinema deságua na crítica”. *In*: SILVA, Paulo Henrique (org.). **Trajatória da crítica de cinema no Brasil**. Belo Horizonte : Letramento; Abbraccine, 2019, p. 178-185.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. As diferenciações no território. *In*: SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 259-278.

VELASCO, Diogo Cavalcanti. **O poder do local**: sertões nordestinos no cinema brasileiro. 2010. Dissertação (mestrado em Multimeios). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2010, 126 p.

XAVIER, Ismail. Figuras do ressentimento no cinema brasileiro dos anos 1990. **Aniki**, v. 5, n. 2, 2018, p. 311-332

XAVIER, Ismail. **Sertão Mar**: Glauber Rocha e a estética da fome. São Paulo : Cosac Naify, 2007.